

DESENVOLVIMENTO DA LITERATURA INFANTIL PÓS-INDEPENDÊNCIA

FRAGATA DE MORAIS¹

RESUMO:

O presente texto tem por objetivo mostrar a evolução da literatura infantil no pós-independência.

Palavras-chave: Literatura, Infantil, Independência.

Antes da data da independência do país, a literatura feita para crianças em Angola tinha como público alvo os filhos brancos dos colonos e era escrita numa ótica portuguesa que não contemplava o imaginário nem as características dos povos angolanos.

Com a independência, o panorama literário mudaria por completo e rapidamente começaram a aparecer obras para crianças, graças à preocupação dos órgãos de cultura governamentais, que se esforçaram em formar hábitos de leitura entre os mais jovens. Nestas obras, os protagonistas, os cenários, os assuntos e os motivos já são angolanos.

No desabrochar da literatura infantil angolana pós-independência podemos situar três obras:

- 1- As aventuras de Ngunga, de Pepetela
- 2- E nas florestas os bichos falaram, de Maria Eugénia Neto
3. A caixa, de Manuel Rui

Em 1972, o Serviço de Cultura do MPLA publicou pela primeira vez "As aventuras de Ngunga", de Pepetela (Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), que o escreveu na sua época de guerrilheiro do MPLA na floresta de Mayombe e que está considerada obra precursora da literatura moderna infanto-juvenil angolana, embora não tivesse sido redigida para esse fim. Apesar da data, 1972, a obra inscreve-se no período da pós-independência porque chegou ao público em geral graças à edição da União dos

¹ E-mail: fragatademorais@gmail.com.

Escritores Angolanos em 1975. Escrito com uma função didática e destinado ao ensino de adultos, mas também de crianças (o fim era que servisse de cartilha para alfabetizar combatentes), conta, com uma linguagem simples e popular repleta de termos regionais, a história de um jovem órfão combatente no MPLA que, com 13 anos, perde seus pais num confronto entre guerrilheiros e colonialistas.

Realmente, o primeiro livro para crianças publicado após a independência, exatamente no dia 1 de dezembro de 1977, foi "A Caixa", de Manuel Rui, editado pelo Conselho Nacional de Cultura.

Manuel Rui é, portanto, o precursor da literatura infantil pós-independência no país.

Na linha política e ideológica da causa nacional, situa-se "E nas florestas os bichos falaram", de Maria Eugénia Neto (mulher de Agostinho Neto) publicado em 1977, um outro texto já claramente destinado para crianças e jovens neste período.

A década de 80 foi um momento ótimo para a literatura infantil angolana, que via como mais autores e obras foram surgindo. Os media, nomeadamente a rádio e a imprensa, desempenharam um papel fundamental no apelo a escrever e na divulgação de contos infantis nos inícios dos anos oitenta.

Muitos dos autores eram trabalhadores públicos do Instituto Nacional do Livro e do Disco (INALD) ligado à Secretaria de Estado da Educação e Cultura (é o caso de Dário de Melo, Octaviano Correia, Gabriela Antunes, Rosalina Pombal e Cremilda de Lima, todos vinculados ao mundo da educação regrada em Angola).

A poesia foi um género praticamente desaparecido do panorama literário infantil e apenas Maria Celestina Fernandes, já no século XXI (A estrela que sorri, 2005, UEA) escrevera alguma obra integralmente de poesia infantil, bem como Fragata de Moraes com "Estórias para bem ouvir" e Um canto ao meu Congo/Nkunga kwa Kongo dya ame", edição bilingue português/kikongo.

As temáticas habituais nesta literatura são, entre outros, a guerra de libertação nacional, a guerra civil posterior, as tradições e mitos angolanos, e a ecologia. Destaca o facto de as narrativas e as lendas tradicionais e orais dos distintos povos angolanos, aquelas que o colonialismo tentara fazer desaparecer, são assunto habitual e uma fonte constante de inspiração para ensinar

Na década de 1990 desponta também como autora de literatura para crianças uma professora de Lubango chamada Maria João. Em 1992 publica "A gotinha rebolinha" numa edição da União dos Escritores Angolanos e no ano seguinte " A escola e dona lata", onde uma lata grande de leite em pó serve de banco numa escola sem móveis, sendo a protagonista.

Maria Celestina Fernandes e Cremilda de Lima são as escritoras que nos últimos anos vêm apresentando obras com maior regularidade, contando cada uma delas com mais de uma dezena de obras publicadas.

Uma das razões apontadas para o esmorecimento deste ramo da literatura, é a falta de estímulo para quem escreve este género literário, a pouca seriedade e valorização que lhe é atribuída, bem como as eternas dificuldades encontradas na hora da publicação.

@ Fragata de Moraes, 24 de Maio 2021

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Maria Celestina. **A estrela que sorri**. União dos Escritores Angolanos (UEA), Luanda, 2005.

JOÃO, Maria. **A escola e dona lata**, União dos Escritores Angolanos (UEA), Luanda, 1993.

JOÃO, Maria. **A gotinha rebolinha**, União dos Escritores Angolanos (UEA), Luanda, 1992.

MORAIS, Fragata de. **Estórias para bem ouvir**, Instituto Nacional do Livro e do Disco (Inald), 2014.

MORAIS, Fragata de. **Um canto ao meu Congo/Nkunga kwa Kongo dya Ame - edição bilingue Português/Kikongo**. Leya Texto Editores, Luanda, 2019.

NETO, Maria Eugénia. **E nas florestas os bichos falaram**. União dos Escritores Angolanos (UEA), Luanda, 1977.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. Serviço de Cultura do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Luanda, 1972.

RUI, Manuel. **A Caixa**. Conselho Nacional de Cultura, Luanda 1977.